

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATOLICA DE SÃO PAULO
COGEAE – CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CIÊNCIAS DA
RELIGIÃO

A RELIGIÃO COMO ESPAÇO DE ENCONTROS NA CIDADE.

MARIA ELIZAFÁ SOUSA LEITE

São Paulo – SP

2013

MARIA ELIZAFÁ SOUSA LEITE

A RELIGIÃO COMO ESPAÇO DE ENCONTROS NA CIDADE.

Monografia apresentada como exigência parcial do Curso de Especialização em Ciências da Religião, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, para a obtenção do título de Especialista em Ciências da Religião, orientada pelo Professor Dr. Wagner Lopes Sanchez

São Paulo – SP

2013

Banca examinadora

Dedicatória

À Marilza, amiga e irmã de todas as horas
Dedico-lhe essa conquista com gratidão.

Agradecimentos

Agradeço imensamente a Deus por sua presença constante em minha vida.

Agradeço ao meu orientador, Professor Wagner, pela presença amigável e solidária em todo o meu trabalho, sempre presente em minhas dificuldades.

Obrigado por ter levado a sério o meu projeto, por suas palavras de incentivo, por não ter poupado tempo em me ouvir e me orientar sabiamente.

Agradeço a meus familiares, por me incentivarem e compreenderem tantas ausências que realizei durante a execução dessa monografia.

A todos e a todas, meu muito obrigado.

RESUMO

O principal objetivo do presente trabalho é lançar um olhar sobre o papel e o lugar da religião dentro da cidade.

Vivemos em um mundo marcado por muitas ofertas. A religião tem um papel importante na vida do indivíduo como fornecedora de sentido em meio a tantas ofertas.

Neste trabalho, algumas formas de encontro da religião no espaço da cidade são apresentadas: a religião como ruptura do anonimato, como espaço de afirmação e convivência e como construtora de sentido que vai culminar no encontro do peregrino consigo mesmo e com suas crenças.

A cidade é apresentada como lugar de realização e afirmação da pessoa humana, como espaço privilegiado de sociabilidade e de busca de sentidos dentro das crises que a contemporaneidade apresenta.

Palavras-Chaves: Religião, cidade, busca de sentido, encontro.

ABSTRACT

The main goal of this paper is to cast a look into the role and place of religion inside the city.

We live in a world marked by many offers. Religion plays an important role in one's life, as something which imbues meaning amid these many offers. In this paper, some forms of encounter of religion in the city's space are presented: religion as anonymity, religion as a space for affirmation and acquaintanceship, and religion as a meaning builder which culminates in the meeting of the pilgrim with itself and its beliefs.

The city is presented as a place of achievement and affirmation of the human person, as a privileged place of sociability and for the search of meaning inside the crises presented by the contemporaneity.

Keywords: Religion, city, pursuit of meaning, meeting.

SUMÁRIO

Introdução	08
Capítulo 1. Cenário religioso urbano.....	10
1.1. A caracterização do cenário religioso urbano.....	11
1.2. O pluralismo religioso	12
1.3. O peregrino em busca de sentido	14
Capítulo 2. A religião em diálogo com a cidade	17
2.1. A cidade como lugar de realização da liberdade e da afirmação do sujeito.....	19
2.2. A religião como espaço privilegiado de sociabilidade na cidade.....	20
2.3. A cidade e a crise de sentido na contemporaneidade	22
Capítulo 3. A religião como espaço de encontros na cidade	27
3.1. A religião como ruptura do anonimato e afirmação do sujeito	29
3.2. A religião como espaço de convivência.....	31
3.3. A religião como construtora de sentidos	32
3.4. A religião como lugar de encontro do peregrino.....	33
Considerações finais.....	35
Referências Bibliográficas	36

Introdução

A pesquisa que deu origem a esta monografia teve como objeto a religião com um recorte específico: a possibilidade de ser espaço de encontro para as pessoas num mundo onde impera o anonimato, a diluição da identidade pessoal e a formalidade das relações. A religião tem um papel importante na vida da pessoa humana, como fornecedora de sentido em meio a tantas ofertas de sentidos.

A pessoa humana, muitas vezes, encontra-se “fora de lugar”, não tendo possibilidade de “fincar raízes” e estabelecer relações de proximidade. Mas, no entanto, a cidade torna-se lugar onde as pessoas criam espaços, mesmo que pequenos, para fugir do anonimato e estabelecer encontros significativos com outras pessoas.

O objetivo do presente trabalho é lançar um olhar sobre a questão da religião dentro do cenário urbano considerado como espaço privilegiado de encontro da pessoa consigo mesma e com os outros na cidade, dentro de um mosaico com muitos desafios, complexidade e diversidade.

Esta pesquisa desenvolveu-se a partir de duas hipóteses:

A primeira, que na cidade moderna a pessoa humana acaba sendo um peregrino em busca de respostas às suas perguntas fundamentais.

E a segunda, a religião como espaço de sociabilidade e de significados para a vida das pessoas dando a elas um mapa orientativo que lhes permite definir os seus caminhos.

A pesquisa foi teórica e eu utilizei os autores que tem trabalhado com o tema relacionado ao objeto deste trabalho, foram eles; Carlos Rodrigues Brandão, João Batista Libanio, Wagner Lopes Sanchez, Peter Berger e Tomas Luckmann.

No primeiro capítulo, apresento a caracterização do cenário dentro da dinâmica urbana, com alguns recortes e como um lugar de criação e re-criações ora de

proximidade e ora de marginalização. O pluralismo religioso é parte desse cenário, com suas características próprias e mostrando que as religiões têm a sua legitimidade e também têm o direito de se expressarem livremente. Neste capítulo, procuro entender a pessoa religiosa como um peregrino, um ser sedento e buscador de significados para suas perguntas mais profundas em relação à sua existência humana.

No segundo capítulo procuro refletir sobre a religião em diálogo com a cidade, onde esta revela-se também como um lugar privilegiado para se dialogar. O diálogo é apresentado como uma forma de dar sentido e significados ao que se expressa. E a cidade torna-se um local de encontros e convivências e a religião é apresentada como um espaço de liberdade, afirmação e sociabilidade do sujeito. A cidade também se torna um palco de crise de sentido na contemporaneidade, dentro da agitação da vida moderna, onde a pessoa humana vai se desequilibrando e perdendo seus referenciais.

E, finalmente, o terceiro capítulo apresenta a religião como espaço de encontros na cidade, a religião como fornecedora de sentido, possuidora de uma teia de símbolos, desejos e ressignificações. Assim, ela é capaz de romper o anonimato e a afirmação do sujeito, ela com certeza propicia um espaço de convivência, fazendo com que o peregrino encontre seu lugar pelo menos em algumas situações.

Espero que essa monografia possa suscitar interesse para continuar essa reflexão, pois é um tema instigante e atual, que envolve e problematiza o lugar e o papel da religião dentro do cenário urbano.

Capítulo 1

Cenário religioso urbano.

No mundo atual, o cenário religioso urbano é um espaço onde existe muita diversidade e complexidade e diversos recortes, dentre eles podemos destacar a diversidade de culturas, de crenças, de buscas e de interesses, dentre outras.

Dentro dessa dinamicidade, o cenário religioso urbano vai apresentando algumas características particulares que vai se revelando às vezes de forma branda e noutras como um tsunami, fazendo com que a pessoa humana encontre em sua cotidianidade situações contrastantes em suas buscas e anseios. O cenário religioso urbano a que estou referindo, em todo o trabalho, está contextualizado dentro da realidade da cidade de São Paulo, capital.

O cenário da cidade está sempre em movimento renovando-se e atualizando-se. É um lugar de criações e re-criações; mas é também um espaço de rupturas, de marginalizações e do descartável.

Nesse cenário, onde está presente o anonimato, também existem espaços para proximidade. A pessoa humana tem a possibilidade de relacionar-se, de encontrar-se com o outro ou com a outra e de partilhar, estabelecendo assim vínculos de convivência duradouros e significativos, criando gestos e atitudes humanizantes, tendo também a possibilidade de manifestar suas crenças, seus anseios e ideais.

Porém, nesse mesmo cenário existem contradições que possibilitam à pessoa humana realizar experiências desumanizantes, e situações de exclusão, de relacionamentos massacrantes, tornando-se um mero objeto descartável, contribuindo profundamente para a fragmentação humana. Desta forma, essa situação acaba se expressando nas suas crenças, nos seus anseios e no seus ideais.

Com isso percebemos que o cenário religioso urbano que encontramos à nossa frente é marcado por contradições, ora feito de luzes e coloridos e ora feito de sombras e trevas.

1.1. A caracterização do cenário religioso urbano.

Em todos os lugares onde encontramos a religião, ela leva a pessoa humana a criar teias de relações, fazendo do espaço religioso um local de convivência e de compartilhamento.

Um aspecto interessante do cenário urbano é que ele é sempre um local da coletividade onde jamais o indivíduo está só, como diz Ronik:

Na cidade nunca se está só, mesmo que o próximo ser humano esteja para além da parede do apartamento vizinho ou no veículo no trânsito. O homem só no apartamento ou o indivíduo dentro do automóvel é um fragmento de um conjunto parte de um coletivo. (1988, p.45).

Percebe-se assim, que a pessoa humana é levada a depender dos outros para a sua própria sobrevivência humana, para manter-se “gente”, tomando uma postura relacional e tendo a consciência de que faz parte da grande família humana.

Nesse mesmo raciocínio, Libanio nos diz que a:

Cidade é uma teia de aranha tanto no seu interior como nas suas conexões com outras cidades. Simboliza a grande obra construtora do ser humano, revelando sua verdadeira natureza social (2002, p.27).

Assim, ao criar a cidade, o ser humano manifesta que ele foi criado para a coletividade e para o encontro, que ele é chamado a viver em comunidade e experimentar a “luta entre o urbano e o rural, cultura e natureza, obra do homem (cidade) e criação de Deus (natureza) (Libanio, 2002, p.27).

Dessa maneira, necessariamente a pessoa humana vive de forma coletiva e escapa dessa trama, como diz Sanchez: “A cidade é lugar de moradia de trabalho, de negocio e também lugar de convivência de diferentes visões de mundo” (2006, p.54). Portanto. a cidade torna-se um local privilegiado de convivência, abrindo possibilidades de a pessoa humana ter diversas experiências.

A cidade torna-se um “palco” onde cada indivíduo encontra espaços para viver, trabalhar, criar seus lazeres, buscar seus sonhos e também encontrar-se com a religião, e esta, por sua vez, fornece-lhe elementos que vão ajudá-lo a enfrentar o seu dia a dia.

O cenário religioso urbano favorece a possibilidade de encontros fazendo com que a pessoa humana possa encontrar-se e reencontrar-se, e propicia elementos que contribuem para as relações pessoais e inter-pessoais. Sem dúvida nenhuma, o cenário é um espaço que motiva a diversidade em sua variedade de ofertas, pois dentro de seus espaços cabem todos os credo, ritos, magias, conforto e esperança, como nos apresenta Sanchez:

As religiões na cidade contribuem para organizar o olhar sobre o mundo e a atuação das pessoas numa situação de fragmentação de significados existenciais, as religiões contribuem para a síntese de significados. E os símbolos e os ritos religiosos são os elementos que mais contribuem para esse esforço de síntese (2009, p11).

Podemos assim reafirmar que a religião é geradora de significados e que o ser humano é um ser integral, complexo e ainda possuidor de uma religiosidade que tem uma forte tônica na vida diária, que influencia a forma de pensar, sentir, agir e se expressar.

1.2. O pluralismo religioso.

O pluralismo religioso é complexo e apresenta uma multiplicidade de crenças organizadas ou não, com diferentes concepções religiosas, diferentes maneiras de vivenciar e de atender a religião.

O pluralismo religioso revela que as pessoas não deixaram de ser religiosas e que as opções religiosas ficam à mercê do modo de ver de cada um. A pessoa humana dentro da cidade vai ressignificando suas crenças; ela não hesita em apropriar-se dos elementos religiosos já existentes para construir sua nova identidade religiosa.

O pluralismo religioso permite a ampliação do leque revelando que há diversos credos e também existem diversas formas de crer e de praticar o que se acredita. Ele dá possibilidade de o ser humano crer parcialmente em todas as religiões de seu campo visível, busca em cada uma delas uma parcela de explicação de seu destino e de suas inquietações. Ele apresenta à pessoa humana uma visão ampla da religião.

O pluralismo religioso é um dos componentes do cenário religioso urbano. Sanchez aponta para duas características fundamentais que devem ser levadas em conta para se ter o pluralismo religioso:

Reconhecer o direito de as religiões expressarem-se livremente.
Reconhecer que todas as religiões têm legitimidade, porque expressam as diferentes formas humanas de aproximação do mistério fundante da vida (2010, p.13).

Nessas duas características apresentadas, percebemos algumas contribuições que a religião vai propiciar à vida e ao cotidiano do indivíduo.

A primeira característica revela que todas as religiões, sem exceção, têm o direito para expressarem e revelarem o que de melhor existe nelas, todas têm direito à liberdade de expressão.

A segunda característica acena para uma outra questão importante: a legitimidade que todas as religiões possuem como expressão da busca humana de aproximação ao mistério.

O pluralismo religioso dentro da cidade valoriza a autonomia da pessoa humana e a liberdade de escolha; a pessoa não se vê mais obrigada a aceitar as influências herdadas em tradição, e abre-se a possibilidade de escolha, e assim a religião torna-se uma opção; as normas vão tomando uma postura diferente daquela que há muito tempo existia, passa da tradição para a escolha do indivíduo, das normas para uma subjetividade.

A pessoa humana a partir de suas inquietações e suas buscas de sentido vai optando por qual caminho seguir e quais os motivos para crer.

Dentro desse universo do pluralismo religioso não existem espaços para a exclusão, para o preconceito e intransigência. As religiões podem expressar suas formas de crer e de vivenciar livremente. O respeito à diversidade nesse caso é de suma importância.

Para vivenciar essa consciência das diferenças e das individualidades, é necessário ter em mente que somos seres diferenciados e que as diferenças devem ser reconhecidas como raiz da diversidade. Quando damos espaço para o “diferente” atuar, percebemos uma riqueza imensa de dons, de aprendizados e de experiências positivas, facilitando uma “teia de reciprocidade”. Por isso, o reconhecimento da diferença exige da pessoa humana muita abertura, maturidade, respeito e tolerância.

1.3. O peregrino¹ em busca de sentido.

O ser humano é um ser buscador de significados, pois está sempre procurando algo que dê sentido a suas buscas e a sua existência. Ele está sempre perguntando sobre o significado da vida e se colocando aberto para as respostas, mesmo que estas respostas venham a incomodar profundamente. O que muitas vezes lhe interessa é saber sobre o destino humano, ou seja, os fundamentos últimos da vida humana.

¹ Defino o peregrino como um ser buscador, alguém desejoso de encontrar-se consigo mesmo e também capaz de transcender seus sonhos e buscas. Alguém itinerante, que não se satisfaz em apenas cumprir ritos e ser fiel a normas ou dogmas, mas alguém ousado, livre e espontâneo.

Só a pessoa humana é capaz de dar significados às coisas e interpretar o mundo em que vive. Com isso, a pessoa humana dá sentido à sua experiência.

A pessoa humana é um peregrino cheio de inquietações, perguntas; está sempre a caminho, buscando de forma criativa, alternativas para vivenciar suas expectativas: “É capaz de criar seus próprios recortes de crenças, sua própria lógica de fé, seus próprios códigos de virtude” (Brandão, 1994, p.29). É o único que pode conscientemente escolher o direcionamento de suas ações, tornando claras as intenções de sua essência humanizadora e, através de suas atitudes, demonstrar o valor de suas palavras, o poder de seus pensamentos e o calor de seus sentimentos em tudo o que realiza.

O peregrino, em busca de sentido, pode ser definido como um nômade da fé:

Um sujeito religioso andarilho, em nome de uma busca sempre renovada de experiências místicas. A devoção a crenças e rituais se dá, geralmente, sob o signo da experimentação. Mas tende a reconhecer, na própria busca a essência de sua utopia e a natureza de sua devoção (Brandão, 1994, p.27).

Enfim, o peregrino é alguém que deseja construir o próprio universo de significações religiosas em sua trajetória humana.

Pode existir um “mix” de crenças, mas o importante é que este traga sentido às suas buscas e não importa se essa busca é vista de forma certa ou errada; na verdade em suas buscas não existe a crença certa ou errada, a norma boa e a ruim, tudo tem seu papel para desempenhar e contribuir. Podemos concluir que todas as religiões são boas e verdadeiras, desde que satisfaçam as necessidades pessoais do peregrino.

Hoje existe uma grande busca de sentido e a religião é uma instância que possibilita ao ser humano a encontrar razões em seu existir, a encontrar razões pra ser mais humanizado.

O ser humano é por natureza um ser relacional. Busca proximidade, contato e experiência, e a religião é uma via para isso porque tem um profundo

significado na vida do individuo. Para Brandão, a religião serve “para curar e re-
curar o espírito afligido pela via de alguma artimanha interna ou exterior ao
sujeito; de perda parcial ou plena de sentido” (1994, p.28).

A religião faz parte da vida humana, mas a pessoa humana tem a opção de tê-
la ou não Para Brandão a “religião deve sempre curar, ou seja; mesmo quando
é tida como ‘falsa’, ela é um sistema de sentido” (1994, p.28).

Muitos são os caminhos que o peregrino pode percorrer, mas o essencial de
todos ainda é sem duvida alguma, o caminho interior, o caminho que lhe
propicie serenidade e solidariedade. Sendo que esse caminho nunca é
completo, está sempre se fazendo, no sentido que sempre há algum aspecto a
ser reconhecido, nesse processo de busca e de encontro. E o peregrino vai
percebendo que caminhando vai abrindo caminhos.

Capítulo 2

A religião em diálogo com a cidade.

Podemos dizer que o diálogo é uma forma de fazer circular sentidos e significados dentro da vida humana, e sua prática está voltada para estabelecer e fortalecer vínculos e ligações. Faz parte do diálogo a busca de uma unidade que preserve a diferença e a liberdade. O diálogo favorece partilha e relacionamento e constitui uma dimensão integral de toda a vida humana. A pessoa humana traz dentro de si desejos intensos de encontros e de trocas de experiências, de poder contar seus desejos e sonhos mais secretos, e também de ouvir da outra pessoa os seus sonhos e anseios mais profundos. É uma reciprocidade marcada por vínculos fortes de significados.

A vida na cidade é frenética no seu corre-corre e para realizar todas as suas atividades a pessoa humana muitas vezes acaba sendo “engolida” por essa agitação; e muitas vezes não se sabe por que está correndo, mas acompanha o fluxo da maioria das pessoas em sua agitação, quando se dá conta, percebe-se cansada, muitas vezes frustrada e buscando sentido para suas próprias perguntas e para sua própria vida.

Não existe muito tempo para se olhar, se perceber, se escutar, contemplar a beleza da vida que nasce diariamente e que se renova a cada instante, não existe tempo para apreciar os pequenos detalhes que a vida vai apresentando no grande cenário da cidade. Os seus desejos e sonhos mais secretos vão sendo adormecidos e vai nascendo um vazio com uma enorme dificuldade de ser preenchido.

Em contrapartida a cidade pode ser um lugar privilegiado para a pessoa humana viver. A cidade apresenta-se como um cenário que abre possibilidades diversas, que permite à pessoa perceber no concreto da vida que as realidades vão se misturando, se mesclando; da agitação da vida tumultuada a um encontro relaxante no silêncio, ela pode experimentar uma tensão e saborear

também um gesto solidário. A cidade é marcada por contradições ora boas e ora não tão boas.

Dá para perceber que conviver na cidade provoca desafios e ao mesmo tempo buscas de alternativas. Com bem diz Brandão:

Todos os dias, à nossa volta e mais ainda nas grandes cidades, a todo momento cruzamos com pessoas e grupos que tomam algum desses caminhos. Caminhos sempre abertos à experiência das escolhas humanas de maneira muito variadas, em todos os tempos da história e das sociedades, onde isso “se deu” e “se dá” ainda em nossos dias, de maneiras muito diversas (1993, p.83).

A pessoa humana é livre para discernir qual o caminho a escolher, qual a estrada a ser percorrida e qual a postura que assumirá diante dela. Ela carrega dentro de si o poder de decisão de suas escolhas.

A riqueza do diálogo consiste em ser uma conversação que tem como característica aproximar pessoas e grupos e fortalecendo vínculos a partir de uma experiência de estar juntos. Dialogando a pessoa humana necessita estar em redes, se relacionando, pois é um ser relacional e para viver a sua totalidade requer essa proximidade, requer encontros humanizantes, ou seja, encontros que a façam ela se sentir bem, a viver a plenitude daquele momento, a encontrar significado em sua existência e em suas buscas.

Para dialogar, o essencial é reaprender a ouvir. O excesso crônico e desequilibrado de ação no mundo atual nos deixa com um déficit nessa capacidade de realmente ouvir o outro/a, ou seja, na agitação do dia a dia, no barulho, os muitos afazeres, a intolerância na falta de perdão, o individualismo e o egoísmo presente nos gestos cotidianos, nos gestos que vão compondo uma desumanização generalizada. Podemos dizer que o diálogo é uma forma de dar sentidos e significados a o que se expressa. O diálogo é uma possibilidade para suprir uma lacuna profunda das relações na realidade urbana atual.

A religião pode ser vista como um campo comum em que é possível produzir e compartilhar significados, ainda que extremamente diferentes ou até contraditórios. Porque tanto a religião quanto a cidade possuem uma dinâmica própria, cada uma tem seus interesses particulares, mas ao mesmo tempo, as duas instâncias abrem espaços para dialogarem e para se compreenderem.

A religião em diálogo com a cidade permite ampliação desse campo compartilhado, tornando possível produzir novas idéias e visões sobre a realidade. Além disso, permite a criação e o fortalecimento dos vínculos entre as pessoas, favorecendo a qualidade nos relacionamentos permitindo a criação de “redes de encontros e de trocas de experiências”. Podemos dizer que estamos envolvidos em uma grande rede global estamos conectados/as uns aos outros/as.

A convivência na cidade provoca desafios. A pessoa humana dentro do cenário religioso urbano consegue encontrar o aconchego que a vida moderna lhe arrancou e, sem perceber, vai buscando alternativas de encontros e também de buscas de sentidos para sua existência humana; podemos dizer com isso que a religião dentro desse cenário urbano favorece os encontros dentro da cidade.

A religião é uma das formas que a pessoa humana encontra hoje para responder a essas questões. E a cidade fornece possibilidades de encontros que favorecem a pessoa para encontrar sentido de vida e reequilibrar-se. Por isso, é próprio da cidade abrigar as diferenças religiosas e as diversidades culturais.

2.1. A cidade como lugar de realização da liberdade e da afirmação do sujeito.

A pessoa humana se sente gente quando é livre, quando é capaz de expressar os seus sentimentos, suas crenças, e ao mesmo tempo, é capaz de respeitar a

forma da outra pessoa de se expressar como ela bem quiser; logicamente respeitando a alteridade existente.

A vida na cidade cria relações próprias do mundo urbano e abre possibilidades de a pessoa se expressar e se afirmar como humana. A cidade possibilita momentos que leva a pessoa a se encontrar consigo mesma, como seu grupo e com grupos diversos.

O ser humano é livre quando pode decidir por si mesmo. Sua liberdade e sua decisão repercutem em todas as esferas de sua vida inclusive na sua religião, com a qual ele se compromete e busca viver com suas crenças, seus ritos e sua simbologia.

A liberdade nasce da afirmação da pessoa humana; essa afirmação acontece quando ela se dá conta, do que ela é capaz de realizar, criar e acreditar. A cidade pode ser um local de encontros de convivência e de partilha, de trocas de saberes, e a religião apresenta-se como um espaço privilegiado para viver essas questões de liberdade e afirmação do sujeito.

As religiões mostram-se como caminhos de solução das promessas falidas da modernidade e que, na migração para a grande cidade, se apresenta como possibilidade segura: moradia, trabalho e prosperidade financeira (Passos, 2009, p.31).

Portanto a religião, nesse caso, se apresenta para a pessoa humana como uma “âncora”, um porto seguro para ficar instalada nela.

2.2. A religião como espaço privilegiado de sociabilidade na cidade.

Existem muitas possibilidades de a religião se expressar dentro da cidade. Algumas dessas expressões podem ser:

Missas, bênçãos, novenas, tríduos, procissões, promessas, giras, saídas de orixás, sessões de jogo de búzios, descarregos, benzimentos, consultas astrológicas e de tarô, meditação

transcendental, sessões de shiatsu, hatha-yoga, massagem ayurvédica entre tantas outras, a lista parece não ter fim (Magnani, 2009, p.20).

A cidade pode ser um espaço fecundo de criações e recriações religiosas e torna-se um campo plural de manifestações. A cidade torna-se um palco da diversidade cultural e religiosa, ela é capaz de abrigar todas as formas de expressões sem tomar partido em nenhuma, neste aspecto, a cidade se torna um espaço democrático capaz de reunir tantas diferenças religiosas, permitindo que tenha livre abertura para se auto manifestar-se.

A cidade provoca alternativas de uma vivencia religiosa e de exercícios de manifestações: “Há muitos espaços, para todos os credos, e, o que é mais surpreendente, pode se circular por eles sem necessariamente ser um adepto” (Magnani, 2009, p.20). A cidade é capaz de abrigar diversas religiões, ela se torna um espaço de abertura ao pluralismo religioso, no qual é possível apresentar a variedade e a diversidade da riqueza das religiões:

Toda essa variedade de locais de culto, visível na paisagem da cidade, é também reveladora de um outro plano, o das possibilidades de escolha entre as várias vertentes de uma mesma religião (Magnani, 2009, p.23).

A cidade pode se tornar, assim, “uma casa de todas as religiões” que se abre á possibilidade de todas as religiões de expressarem em sua essência:

Assim como a experiência cotidiana de transitar pelas grandes cidades revela a profusão de locais de participação religiosa, sejam templos, terreiros, festas, lugares abertos e/ou tornados sagrados em um determinado período de tempo, entre outros (Almeida, 2009, p.30).

Percebemos que a mobilidade das pessoas entre as diferentes religiões é um transitar livre e desejoso de buscar algo que transcenda seus anseios e responda às suas indagações mais profundas. “Cada um de nós hoje em dia é e sente-se sendo um “buscador/a”, dentro e fora de nossa própria crença” (Brandão, 1993, p. 86).

A pessoa humana procura sempre mais relações, a partir de sua escolha, por afinidade de interesses. E a religião tem um papel importantíssimo, pois ela é fornecedora de sentidos. De acordo com Sanchez,

As religiões exercem o papel de reserva de sentido na medida em que elas contribuem para que as pessoas dêem significados ao mundo e às suas existências (2009, p.5).

As adesões religiosas cada vez menos estão relacionadas à verdade apresentada pelas religiões, e dizem respeito muito mais à capacidade de as religiões oferecerem aos indivíduos algo que vá ao encontro de suas necessidades. Brandão descreve muito bem essa questão:

Pois “ter fé”, “assumir uma crença” e “ser de uma comunidade religiosa”, não nos aparece mais como algo estabelecido em que a pessoa afinal “se estabelece”, mas muito mais como um caminho (1993, p.86).

2.3. A cidade e a crise de sentido na contemporaneidade.

Ao longo da história da humanidade, muitas têm sido as formas pelas quais o ser humano tem buscado preencher as necessidades de buscas de sentido. O ser humano ao buscar na religião o instrumento para as suas respostas encontra por vezes respostas às suas inquietações e noutras vezes encontra um vazio ainda maior diante de suas interrogações existenciais.

A decepção da pessoa humana no momento em que não consegue ter suas necessidades imediatas atendidas tem feito com que cresça o número dos “sem religião” nas estatísticas oficiais². É uma espécie de diluição da religião, na qual o grande número das alternativas tradicionais que, efetivamente, mostram-se insuficientes para aproximar o indivíduo dos espaços religiosos. Dessa forma, podemos afirmar que há um distanciamento da pessoa humana

² Segundo o IBGE, o Censo Demográfico de 2010 o número dos sem religião aumentou consideravelmente, existem aproximadamente 15.335.510 pessoas que se declaram publicamente sem religião, ou seja, 8% da população brasileira.

em relação aos “sentidos maiores para a vida” prometido pela religião. A esse respeito, Passo afirma:

A religião torna-se, assim, subsidiária do desejo de felicidade imediata e perde seu protagonismo como promessa de salvação e felicidade eterna ou ainda de controle moral dos desejos humanos (2009, p. 25).

Como diz Sanchez,

A cidade tem um repertório de novidades que se apresenta às pessoas de forma muito rápida. As novidades se apresentam e podem desaparecer rapidamente: é o império do fugídio. E isso reforça a insegurança, a estranheza diante das novidades que aparecem e desaparecem abruptamente: “é a cidade lugar de ebulição permanente (2009, p.4).

A pessoa humana tem que estar muito atenta a essas situações, se não se perde no caos cotidiano; ela necessita fazer escolhas rápidas e profundas para a sua existência.

Estamos vivendo na era do provisório, do efêmero, do descartável e do temporário que são mais expressivos que o permanente, “o para sempre”. Com isso a religião tem um papel fundamental na vida do indivíduo, pois ela “adquire a função de solução para as carências, frutos das promessas não realizadas. (Passos, 2009, p.30). Ela tem o papel de transcender nossas aspirações.

Estamos vivendo em uma sociedade de risco, do pensamento débil, da decepção, da fragilidade e da ansiedade. Torna-se bem visível a busca desenfreada do consumismo e a realização imediata para sanar essa sensação de vazio existencial.

A cidade e a crise de sentido na contemporaneidade vão provocando vazios, instabilidade, sensação de vácuo porque as categorias que antes conferiam segurança como, por exemplo, a questão ética do certo e do errado, de valor e de contra-valor, vai caminhando para as vias da relatividade. As categorias que conferiam sentido à pessoa humana vão definhando, caindo em descrédito.

Por isso, afirma Hervieu-Leger:

A secularização não é, acima de tudo, a perda da religião do mundo moderno. É o conjunto dos processos de reconfiguração das crenças que se produzem em uma sociedade onde o motor é a não satisfação das expectativas que ela suscita, e onde a condição quotidiana é a incerteza ligada à busca interminável de meios de satisfazê-las (2008, p.41).

O que antes parecia seguro, confiável, sem questionamento, hoje não tem mais esse valor, não tem mais essa força. A crise de sentido parece estar associada a uma sociedade cheia de fragmentos, buscando exageradamente a busca do prazer e este, muitas vezes sem limites, até as últimas conseqüências; favorecendo a cultura do descartável e do imediato: “vale enquanto dá prazer” e quando não interessa mais é descartado sem problemas de consciência.

Essa crise de sentido afeta todos os seguimentos da sociedade e dentro da religião vamos percebendo pessoas transitando de uma religião a outra, buscando algo que lhe dê sentido, pelo menos para aquela situação momentânea, pessoas negociando milagres instantâneos e riquezas sem limites, busca de um deus de soluções rápidas, e busca de respostas imediatas para seus problemas.

A busca do transcendente se apresenta cada vez mais móvel, itinerante, em pleno movimento, em que existe uma religiosidade nômade, peregrina, dinâmica, buscadora de significados. As adesões religiosas que a pessoa humana busca estão ligadas mais a o que a instituição pode oferecer aos indivíduos algo que vá ao encontro de suas necessidades instantâneas.

À sua imagem e semelhança, tudo passa a existir e ter valor enquanto serve de resposta às necessidades e desejos. Outros segmentos como a política, a economia, a vida social e cultural, vão alternando seu quadro de referências a partir daí.

Podemos dizer que essa explosão religiosa na contemporaneidade parece revelar um ser humano insatisfeito, cansado e sedento, ou seja, um buscador

de algo que transcenda as suas buscas e respostas, que dê verdadeiro sentido às suas inquietantes perguntas. Existe uma crise de carência de um sentido maior de vida com dignidade.

Conforme Sanchez,

Numa situação de crise de sentido, as religiões na cidade contribuem para organizar um olhar sobre o mundo e a atuação das pessoas. Numa situação de fragmentação de significados existenciais, as religiões contribuem para a síntese de significados. E os símbolos e os ritos religiosos são os elementos que mais contribuem para esse esforço de síntese (2009, p.11).

A visão homogênea da realidade é desfeita, ficando ao encargo de cada pessoa apresentar-se como própria fonte de sentido e orientação de vida.

Nesse aspecto deve ser levado em conta, o direito de escolha; a pessoa muitas vezes não define a sua existência por causa de uma tradição familiar ou por acompanhar esta ou aquela pessoa.

No entanto existem também outras pessoas que vão em busca de uma religião apenas para tirar proveito dela sem nenhum compromisso.

Para Libanio:

A sociedade moderna urbana dificulta o processo pessoal, profundo de escolha. Cansa as pessoas com tanta oferta que acaba por gerar inércia, acomodação, ceticismo diante das propostas sérias. Quanto mais incerteza, mas se exige das pessoas uma decisão pessoal (2002, p.188).

Estamos na “era do excesso” e isso realmente provoca conflitos e confusões; se a pessoa não tiver em mente o que ele quer, se não tiver seus objetivos claros, ela não conseguirá tomar decisões acertadas e ampliar seus horizontes.

Portanto, a pessoa humana é convocada a torna-se “criadora de sentido” como é sugerido por Brandão:

O que sugiro é que em cada um de nós reside o direito e, ao mesmo tempo, a consciência responsável de nos sentirmos criadores de sentido, dos termos e da prática de nossa própria fé, de nossa crença e de tudo o que deriva dela (1993, p. 85).

A pessoa humana tem sede de infinito, busca a cada momento sentido para sua existência. Temos a livre escolha dentro da cidade de acreditar “que somos nós, pessoas de fé em comunidade de vida religiosa, aqueles a quem é dado criar, com as próprias vidas, o nosso modo de ser uma fé e viver uma religião” (Brandão, 1993, p.87)

Capítulo 3

A religião como espaço de encontros na cidade.

A religião encontra-se na cidade como um espaço que se revela. E a cidade por sua vez propicia espaços para encontros, porque a cidade acolhe a todos que chegam e a todas as manifestações que querem fixar sua tenda dentro dela.

A cidade pode ser vista como uma grande aldeia aberta às novidades, às expressividades e às dinamicidades que as religiões vão trazendo com suas características próprias. Esses encontros são marcados por uma constante diversidade religiosa e uma riqueza de simbologia. Cada religião vai trazer a sua novidade e a sua forma de expressar, interagir, explicar e de interpretar os fatos da cotidianidade a partir de sua crença e de sua especificidade.

A cidade torna-se um espaço propício para a multiplicidade religiosa e um cenário onde possibilita a expressividade de cada religião em sua essência, ou seja, sem censura nenhuma de seus ritos, de seus mitos e muito menos de seus dogmas:

Em cada canto da cidade é possível encontrar uma espécie de oásis, discreto ou bem visível que, no meio da agitação característica da vida urbana, oferece uma pausa propícia ao recolhimento, à oração silenciosa, ao encontro com alguém disposto a ouvir, a dar um conselho, fazer uma imposição de mãos ou conduzir um trabalho corporal para realinhar os “chakras” (Magnani, 2009, p.20).

A religião encontra na cidade um espaço com liberdade para a sua expressividade, favorecendo possibilidades de encontros humanos e de experiências com algo que proporcione bem estar e que faça a pessoa encontrar sentido em suas buscas.

Libanio apresenta-nos o papel da religião nas grandes cidades ao mostrar algumas características marcantes, como a resposta que elas apresentam para as carências existenciais e o papel compensatório que elas cumprem:

Na cidade grande, a religião responde preferentemente às necessidades e aspirações dos indivíduos, cumpre papel compensatório para tantas carências existenciais satisfaz às buscas pessoais de consolo, conforto espiritual, realização afetiva. Por isso, nela proliferam as denominações religiosas que mais se acomodam a tais exigências (2001, p. 54).

E nessa perspectiva a pessoa humana vai se sentindo carente de relação, de encontro, de proximidade. A religião dentro da cidade vai responder a essa carência fazendo a pessoa se sentir melhor, encontrar um bem estar, e a manter relações de proximidade.

A religião vai ampliando assim seus espaços contínuos de sedução, de encantamento e de aproximação, favorecendo a pessoa humana a realizar uma espécie de transcendência, dando sentidos às suas interrogações mais íntimas e encontrando significados para a sua existência humana, dando voz aos seus silenciamentos mais ocultos e, algumas vezes, provocando um verdadeiro encontro consigo mesma respondendo algumas de suas interrogações e noutras possibilitando a pessoa humana a realizar uma “viagem aos caos” de sua existência.

Essas experiências vão fazendo a pessoa se sentir muitas vezes mais humanizada, com traços de confiança na vida, de respostas entendidas e com mais serenidade em seu agir humano.

A religião encontra na cidade meios que favorecem as suas manifestações e a cidade assim torna-se plural em suas relações e manifestações. A cidade favorece a religião ao criar um espaço amplo para a socialização possibilitando um cenário cheio de diversidade, singularidade e complexidade:

A cidade arranca as pessoas de uma sociedade de relações primárias, informais, diretas para uma de relações secundárias,

formais, mediatizadas. Lá onde as relações eram simples, agora são plurais (Libanio, 2001, p. 164).

Nesse aspecto

a religião não cura apenas o corpo e longinquamente purifica ou salva a alma do fiel. Ela serve para curar e re-curar o espírito afligido pela via de alguma artimanha interna ou exterior ao sujeito; de perda parcial ou plena de sentido (Brandão, 1994 p.27).

Ela possui um sistema de sentido, ou seja, ela transcende as esperanças E vai além da visão reduzida e limitada que o cotidiano apresenta: “as grandes cidades tem se mostrado como um espaço fecundo de criações e recriações religiosas, onde o tradicional e o novo se encontram, se confrontam e se fundem ativamente” (Passos, 2009, p.22).

A religião sem dúvida tem um profundo significado na vida da pessoa humana; ela é geradora de sentidos:

A religião é um sistema de símbolos que visa criar nas pessoas disposições motivações fortes, abrangentes e duradoras, à medida que se formulam concepções de uma organização geral da existência e essas concepções são envoltas de tal modo em uma aura de facticidade que as disposições e motivações parem corresponder plenamente a realidade (Geertz, 2009, p.48).

3.1. A religião como ruptura do anonimato e afirmação do sujeito.

A religião exerce um papel importante na vida de todas aquelas pessoas que a buscam porque ela possibilita a ruptura do anonimato, faz com que a pessoa humana saia de seu casulo e que vivencie momentos comunitários, momentos aonde expresse, ou ao menos mostre seus anseios e sua crença nem que seja por algum tempo.

A religião contribui para uma abertura à alteridade, tornando-se um espaço de liberdade, de partilha e de buscas promovendo uma afirmação do sujeito enquanto pessoa humana. Essa afirmação resulta na capacidade de escolhas livres, favorecendo ao sujeito certas dimensões como: autonomia em suas escolhas, responsabilidade em seu agir e criatividade diante de sua vida pessoal e comunitária: “o anonimato paga um preço caro do desenraizamento, da perda das relações primárias, num mundo marcado por relações puramente funcionais” (Libanio, 2001, p. 46).

Como afirma Libanio, o anonimato paga um preço, faz com que a pessoa humana se sinta fora do seu “ninho”, do seu habitat, e viva à procura de algo que a integre e a faça se sentir acolhida. Vivemos num período de profundas mudanças no qual as informações circulam rapidamente, a tecnologia avança de forma desmedida, gerando um desconforto. Vivemos em uma sociedade “bombardeada de informações”, e exclui tantas pessoas. Quem não fizer parte dessa “onda” é descartada.

A religião, nesse aspecto, vem responder a uma dimensão profunda da pessoa humana ajudando-a se sentir pessoa, a se encontrar em suas buscas e em seus vazios. Vêm transcender seus medos, suas frustrações. Libanio explica bem essa sensação:

O espaço urbano consegue o paradoxo gerar a solidão no meio da multidão. Alguém pode caminhar horas pelas suas apinhadas da cidade e não encontrar-se realmente com ninguém nenhum gesto de cordialidade, de acolhida, de relação pessoal (2001, p.46).

Os encontros na cidade muitas vezes são marcados por indivíduos dilacerados, espremidos e imprensados de modo trágico entre a massificação e a singularidade. É como se o ser humano atravessasse pontes que os conduz de um lado para outro, e portas que o separa e os une a outros sujeitos.

Vivemos em meio à multidão, bem próximos, mas ao mesmo tempo tão distantes. Vivemos em uma sociedade que não ensina a partilhar experiências de vida, mas o enclausuramento de nossos pensamentos e sentimentos:

A solidão e o anonimato são compensados por uma busca sôfrega desses espaços de reunião, de festa em grupos, continuam vivos na cidade, o gosto, a vontade de encontros (Libanio, 2001, p.149).

3.2. A religião como espaço de convivência.

A religião torna-se um espaço de convivência quando permite à pessoa humana expressar suas crenças, suas buscas, seus temores e anseios.

A religião dessa forma aproxima as pessoas, fazendo com que elas se sintam pertencentes a um grupo que tem as mesmas afinidades ou não. Brandão define muito bem a religião como espaço de convivência:

A religião é casa de muitas moradas, nessa casa de muitas moradas, que, tal como o evangelho é estranha, mas também generosamente múltipla, para que dentro dela a religião possa caber quem queira, cada um à sua maneira, do seu ponto de vista. Segundo a sua própria fé (1993, p.78).

Todos que queiram conviver nesse espaço encontram lugar para as suas práticas e expressões. A religião nesse aspecto se apresenta como “um ponto de encontro”, para que as pessoas se encontrem periodicamente, ou de tempos em tempos, para alimentar os seus anseios e algumas vezes acalmar seus temores. Somos seres comunitários seres de convivências:

A religião no cenário da convivência pode “se tornar múltipla dinâmica, torna-se um lugar de crenças, de praticas, de cultos e de vida comunitária aberto ao acontecimento, à permanente possibilidade da mudança, do surgimento do novo, do enfrentamento entre sistemas, entre modos pessoais e coletivos de vê crer e viver a crença religiosa (Brandão,1993, p. 81).

3.3. A religião como construtora de sentidos.

A religião permanece como uma força que impulsiona dentro da cidade, ela possibilita significado para a existência humana. Diante da agitação cotidiana, das experiências de desilusão, das luzes e sombras que o ser humano vai experimentando em sua existência, vamos percebendo que a religião provoca um fascínio, ela é fonte geradora de sentido; ela muitas vezes consegue provocar um impacto na vida da pessoa humana, dando cor e sentido na cotidianidade. Como descreve muito bem Alves a religião: “É necessária reconhecê-la como presença invisível, sutil, disfarçada, que se constitui um dos fios com que tece o acontecer do nosso cotidiano” (2001, p. 13). Ou seja, ela faz parte das entranhas do ser humano.

A religião é construtora de sentidos porque ela sempre dá respostas aos que buscam ao menos conforto às suas buscas. A religião é um dos espaços mais democráticos que existem, dentro dela tem lugar para todas as classes, culturas, etnia... Todas sem exclusão podem buscar, permanecer ou peregrinar na religião que lhe aprouver, ou seja:

Cada sujeito não necessariamente confessante e, principalmente, nunca um fiel exclusivo ou sectário, pode e deve realizar os seus próprios recortes de crenças e criar e recriar... a sua própria lógica da fé: o seu imaginário da crença e o seu próprio código da virtude (Brandão, 1994, p. 29).

As classes populares tem buscado nas experiências religiosas consolo para as dores da vida: pobreza, desemprego, insegurança, doença... Lá se sentem reconfortadas pela força interior da vivência religiosa. Ou seja, “a religião é um sistema cultural de sinais que promete o proveito da vida mediante a correspondência a uma realidade última” (Theissen, 2009, p.13). A religião com certeza é capaz de resignificar a existência humana.

Como bem descreve Libanio:

Assim cada um com sua fé. Privatiza-se, individualiza-se a fé. Cada um constrói sua religião ou segue uma religião já existente naqueles pontos que lhe dizem respeito, que lhe são interessantes, gratificantes (2001, p. 56).

3.4. A religião como lugar de encontros do peregrino.

A religião propicia encontros para o peregrino; este por sua vez, se sente livre para buscar, experimentar e vivenciar o sagrado guiado por sua subjetividade.

O peregrino é alguém buscador e, ao mesmo tempo, alguém que procura fazer sempre a experiência daquilo que dê sentido em sua existência. Dentro da sua peregrinação, a religião pode-se tornar uma religiosidade em constante êxodo, revelando peregrinos religiosamente nômades.

Como sugere Hervieu-Léger é “uma religião em movimento”, na qual o peregrino se vê envolvido no movimento, experimento, busca e procura. Como uma pessoa que sente na liberdade de transitar entre as várias possibilidades de “ofertas religiosas” que a cidade vai oferecendo. No fundo esse peregrino busca uma experiência religiosa significativa que dê sentido à sua vida.

O peregrino continua buscando nas religiões a referência e confirmação de suas crenças, mas o faz a partir de sua subjetividade e nunca seletiva escolha daquilo que lhe convém.

O ser humano é uma criatura peregrina, sempre em busca de algo que lhe preencha e encontra na religião um lugar de proximidades. Assim, a religião é uma forma facilitadora de produzir o encontro das pessoas, e o encontro com o sagrado.

Para Brandão: “o religioso alternativo brasileiro é também um andarilho, em nome de uma busca sempre renovada de experiências místicas” (1994, p.30). Ou seja, está sempre buscando uma experiência que transcenda essa busca,

que lhe dê mais sentido e significado à sua existência humana. Essas buscas vão se dar geralmente por meio da experimentação:

As pessoas se reúnem por desejo e escolha e não por forças do ambiente. O indivíduo está no centro dessa decisão. Com isso, a expressão religiosa também se individualiza ou se exprime em grupos de escolha. Passa-se de uma sociedade da tradição religiosa para a decisão. Deixa-se a confissão intransigente para a tolerância (Libanio, 2001, p.54).

Todo ser humano é um ser a caminho. Esta sua característica exprime-se e alimenta-se quer na viagem existencial de cada pessoa, que percorre um itinerário ao longo do seu tempo de vida com todas as vicissitudes que o marcam, quer nas múltiplas viagens que ela realiza pelas estradas do mundo, por necessidades e interesses vários.

O ser humano põe-se a caminho à procura de dar sentido a sua existência ou atraído para o encontro com aquilo que responde as suas questões mais íntimas.

Considerações Finais

Ao terminar este trabalho não tenho a pretensão de dar uma resposta definitiva ao tema, ele continua provocador e aberto.

O tema da pesquisa - “a religião como espaço de encontros na cidade”, permitiu perceber que dentro do cenário religioso urbano a religião tem uma forte influência na vida da pessoa humana. A religião dessa forma torna-se fornecedora de sentido, ressignificando a vida e o cotidiano da pessoa humana.

Tanto a religião quanto a cidade possui uma dinâmica própria, cada uma tem seus interesses particulares, mas ao mesmo tempo, as duas instâncias abrem espaços para dialogarem e compreender-se.

Nesta pesquisa, o ser humano foi definido como um peregrino, um ser sedento, nômade, um buscador de significados para sua existência, livre em buscar um itinerário que seja capaz de orientar seus sonhos e sua realidade; e ao mesmo tempo dar suporte para encontrar-se consigo mesmo e com os outros. Com isso a religião torna-se um espaço de sociabilidade e alteridade.

A pessoa humana é descrita como alguém que deseja construir o próprio universo de significações religiosas em sua trajetória humana. É alguém que está sempre em busca de respostas as suas perguntas fundamentais. No fundo esse peregrino busca uma experiência significativa que de sentido a sua vida.

A cidade apresenta receptividade à religião. Apesar de tantas distrações, esvaziamentos e da grande loucura consumista, a religião tem muito a dizer a cidade, pois ela é fornecedora de sentidos, e a cidade por sua vez tem a oferecer espaços de encontros com a religião.

Referências Bibliográficas

ALVES, Rubem. *O que é religião?* 3º Ed. São Paulo: Loyola, 2001.

BERGER, Peter e LUCKAMANN, Thomas. *Modernidade, Pluralismo religioso e Crise de sentido*. Petrópolis. Vozes, 2004.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. As muitas moradas. Crenças e religiões no Brasil de hoje. In: BEOZZO, José Oscar (org.). *Curso de Verão – Ano VII*. São Paulo: Paulus –Cesep, 1993.

_____. A crise das instituições tradicionais produtora de sentido. MOREIRA, Alberto e ZICMAN, Renée (org.). *Misticismo e nossas religiões*. Petrópolis: Vozes, 1994.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O peregrino e o convertido*. A religião em movimento. Petrópolis: Vozes, 2008.

IBGE. *Censo demográfico: características gerais da população, religião e pessoas com deficiência*. Censo demográfico, Rio de Janeiro, 2010.

LIBANIO, João Batista. *As lógicas da cidade*. O impacto sobre a fé e sob o impacto da fé. São Paulo: Loyola, 2001.

MAFRA, Clara e ALMEIDA, Ronaldo (orgs.). *Religiões e Cidades*. Rio de Janeiro e São Paulo. São Paulo: Terceiro Nome, 2009.

PASSOS, João Décio. A religião e as contradições da metrópole: Lógica e Projeto. In. SOARES, Afonso Maria Ligório e PASSOS, João Décio. *A fé na metrópole*. Desafios e olhares múltiplos. São Paulo: Paulinas-Educ, 2009.

ROLNIK, Raquel. *O que é cidade*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

SANCHEZ, Wagner Lopes. *Pluralismo Religioso, As religiões no mundo atual*. 2ª Ed. São Paulo: Paulinas: 2010.

_____. Modernidade, pluralismo e reinvenção religiosa. Da possibilidade de pensar o pluralismo religioso a partir de Weber. In: LACERDA, Antonio. *Religião e religiosidade*. Revista da APG n.19, pp. 61-76. São Paulo: APG-PUC-SP, 1999.

_____. *(Des) Encontros dos deuses*. CNBB e pluralismo religioso no Brasil. Um debate a partir dos Encontros Interclesiais de CEB's (1992-1997). Tese de doutorado em Ciências Sociais apresentada na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2001.

_____. A multiplicidade religiosa no espaço urbano. In: SOARES, Afonso Maria Ligório e PASSOS, João Décio. *A fé na metrópole*. Desafios e olhares múltiplos. São Paulo: Paulinas-Educ, 2009.

THEISSEN, Gerd. *A religião dos primeiros cristãos*. Uma teoria do cristianismo primitivo. São Paulo: Paulinas, 2009.

ARTIGOS

ALMEIDA, Ronaldo de. *Pluralismo Religioso e Espaço Metropolitano*. In: Clara Mafra e Ronaldo de Almeida. (orgs) *Religiões e Cidades Rio de Janeiro e São Paulo*. Editora Terceiro Nome – São Paulo, 2009.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Religião E Metrópole*. In: Clara Mafra e Ronaldo de Almeida. (orgs) *Religiões e Cidades Rio de Janeiro e São Paulo*. Editora Terceiro Nome – São Paulo, 2009

REVISTAS

Religião & Cultura. O Sagrado na metrópole. Vol. V. Nº09 Jan/jun. DTCR (PUCSP). São Paulo: Paulinas-Educ.2006.